

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

## **A emancipação feminina em Mafalda: uma análise discursiva de tiras**

### **The emancipation of women in Mafalda: a discursive analysis of comic strips**

Carla Letuza Moreira e Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este estudo propõe-se a analisar o funcionamento discursivo de tiras de Mafalda (QUINO, 1993) sobre o processo de emancipação feminina, mobilizando noções teórico-metodológicas da Análise de Discurso francesa. Mafalda é uma personagem criada na Argentina e que representa, em tempos de ditadura nos anos 60 e 70, um grito por igualdade e liberdade para as mulheres que luta(va)m por maiores chances de realização pessoal e profissional. O *corpus* desse estudo é composto de tiras de Mafalda sobre a temática abordada, bem como a relação entre os sujeitos envolvidos em suas narrativas. As noções de memória, condições de produção e equívoco, entre outras, são mobilizadas por proporcionarem uma maneira própria de entender o processo de emancipação feminina na modernidade e compreender como o discurso faz para sustentar o efeito humorístico. No processo de construção de sentidos apreendemos a relação entre uma concepção do papel feminino que não cessa de (re)construir sentidos entre memória e atualidade para a emancipação feminina na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Análise do discurso francesa; Tiras de Mafalda; Emancipação feminina; Equívoco; Interpretação.

**Abstract:** This study proposes to analyze the discursive functioning of Mafalda's comic strips (QUINO, 1993) regarding the process of women emancipation, mobilizing theoretical and methodological notions of French Discourse Analysis. Mafalda is a character created in Argentina who symbolizes, in times of dictatorship in the 60s and 70s, a cry for equality and freedom for women who struggle (d) for greater chances of personal and professional fulfillment. The corpus of this study is composed of Mafalda's comic strips about the theme discussed, as well as the relationship between the subjects involved in their narratives. The notions of memory, production conditions and misunderstanding, among others, are mobilized by offering its own way of understanding the process of emancipation of women in modern times and understanding how the speech is made to sustain the humorous effect. In the process of meaning construction the relationship between a conception of the female role that is constantly (re) construct senses of memory and a time for the emancipation of women in contemporary society has been identified.

**Keywords:** Discourse Analysis French; Strips of Mafalda; Female emancipation; Mistake; Interpretation.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFAL; bolsista CNPq; endereço eletrônico [carlalemosi@yahoo.com.br](mailto:carlalemosi@yahoo.com.br).

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

## 1 INTRODUÇÃO

Essa citação representa um olhar sobre (os dizeres de) Mafalda que vai além da crítica a um personagem ou mera consideração da ficcionalidade de uma obra, mas que remonta a sua representatividade histórica. A personagem foi criada por Quino, pseudônimo de Joaquim Lavado, na Argentina, em 1963. O que faz olhar para o processo de produção de sentidos nas tiras de Mafalda é sempre sua atualidade, seu passado e seu presente, sua comicidade e sua seriedade, bem como a diversidade de temáticas que permeiam esses textos no efeito humorístico.

As polêmicas sobre a emancipação feminina, mesmo considerando as distâncias entre Brasil e Argentina, fazem parte de uma tendência mundial na contemporaneidade. Portanto, este gênero (tiras) representa o discurso humorístico e pretende-se, neste artigo, analisar este discurso em relação ao deslizamento de sentidos e à ironia que produz. Trata-se, então, da relação entre concepções de sujeitos e entre diferentes concepções sociais para o papel feminino na sociedade.

Por sua carga crítica e política Mafalda é considerada anti-herói das histórias em quadrinhos, pois não surge para salvar o mundo das ameaças, mas para contestar as questões políticas, econômicas e culturais na América Latina. Durante e após a Segunda Guerra Mundial nenhum herói solitário surgiu para salvar a humanidade, mas supomos que pequenos grupos de personagens apareceram para amenizar as ‘dores’ dos leitores nesse período. Em *Peanuts* (*Charlie Brow, Calvin, Haroldo*) e *Mafalda* são os personagens-criança que surgem para construir sentidos para questões sociais mais amplas (CORSO ; CORSO, 2006), enquanto que, antes disso, nas histórias de heróis solitários, importava certa individualidade. Por isso, o sujeito do discurso humorístico Mafalda será alvo de nossa análise por sua representatividade e atemporalidade.

Para entender o processo de construção de sentidos parte-se do reconhecimento das *condições históricas de produção do discurso*. Lembramos que esta noção funciona em rede

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

com as outras noções da Análise do Discurso francesa que estão presentes neste estudo, como sujeito, sentido, história e ideologia.

O termo condições de produção, em outros campos de estudo, é tomada enquanto contexto, isto é, os elementos externos ao texto servem para ampliar sua significação global. Em uma situação comunicativa se fala em situação e circunstâncias que permeiam os dizeres, ou seja, em referencialidade (pragmática). Diferentemente do modo como é tratada a noção em outras linhas, ela traz consigo uma trajetória de legitimação no trabalho da Análise do Discurso (AD).

Afirma-se que o discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas, tendo em vista os lugares sociais que são constitutivamente históricos e determinados pelas relações sociais. Esses lugares sociais não seriam dados *a priori*, mas construídos e representados no processo discursivo que aciona um imaginário social. Com base na noção de *formação imaginária* o sujeito locutor tem uma imagem de si, de seu interlocutor, da imagem que o interlocutor faz de si, do objeto do discurso, isto é, tanto *A* quanto *B* mergulham nas formações imaginárias que compartilham. O sujeito locutor poderá, a partir disso, antecipar as representações do imaginário do outro e produzir seu discurso. Pêcheux (1997a, p. 81-3) define esses lugares como espaço de representações sociais constitutivas do processo de significação discursiva colocados em jogo em contraposição a um “feixe de traços objetivos”.

Nesse processo se colocam protagonistas não individualmente, mas na representação de lugares (que atribuem, a si e ao outro, a imagem do seu lugar e do lugar do outro) numa determinada formação social e o referente como um objeto imaginário em condições históricas na produção de um discurso. Então, exterioridade e interioridade não se separam, pelo contrário, relacionam-se simultaneamente e apreender o movimento dos sentidos significa compreender que a linguagem está sempre sujeita a falhas e deslizamentos.

Conforme Orlandi (2001, p. 30), as condições de produção compreendem os sujeitos, a situação e a memória histórica que fazem parte da exterioridade linguística e (sub)dividem-se em condições de produção de sentido amplo (contexto sócio-histórico-ideológico) e estrito

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

(enunciativo, contexto imediato). Portanto, para a AD, não compreendem somente as circunstâncias imediatas, nem o papel dos indivíduos colocados em jogo, ou o lugar definido por referências, ou a situação de fala, mas lugares historicamente construídos e em construção no discurso humorístico.

## 2 AS TIRAS DE MAFALDA

Este estudo tem como ponto de partida o livro completo das tiras de Mafalda, (QUINO, 1993), cuja criação da personagem e circulação inicia em 29 de setembro de 1964 estendendo-se até 1973, na Argentina. A partir daí a obra foi sendo traduzida em outros idiomas e, em 1981, chega ao Brasil. Nesse meio tempo, em 1970, apenas uma revista de pediatria e pedagogia destinada aos pais traz seus textos ilustrados com tiras de Mafalda no país. O livro *Toda a Mafalda*: da primeira à última tira, não apresenta em suas 420 páginas uma referência individual para cada um desses textos. Sabemos que Quino publicava tiras em jornais e cadernos escolares, criava publicidades, produziu filmes e desenhos animados internacionalmente. Portanto, nada melhor que a partir das referências apresentadas e pesquisadas mergulhar na leitura dessas tiras, tentando, por sua materialidade linguística, apreender processos de significação.

Nesta obra, foram recortadas sete tiras por se referirem às questões que permeavam o debate sobre a emancipação feminina. Através das imagens e das falas entre os personagens (verbal) tentaremos esboçar possíveis sentidos sobre a representatividade da mulher na sociedade moderna. Para que isso fosse possível, foi necessário ler as tiras em sua totalidade e remetê-las às suas condições de produção constantemente. Então, o nosso objetivo, com esse estudo, será o de entender o modo de funcionamento do humor nas tiras de Mafalda e por isso propomos refletir sobre o discurso literário humorístico para além da mera diversão ou da crítica conteudística.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

Se em outras tendências de estudo o humor é tratado enquanto falta de coerência ou imposição de leituras, em AD colocamos a equivocidade discursiva em seu efeito humorístico que, relacionada a ironia, tão presente em tiras e charges, expõe a dispersão dos sentidos diferentemente de sua pretensa completude. A dispersão marca a relação entre o mesmo e o diferente e uma ruptura de significação. Através desses aspectos é que analisaremos as tiras de Mafalda, focalizando o equívoco e a não-transparência dos sujeitos/sentidos.

No dispositivo de análise considera-se não somente o percurso conteudístico, mas o processo de construção dos sentidos sempre perguntando como os textos constroem determinados sentidos e não outros, ou seja, que sentidos dominantes seriam estes, de onde e para onde eles falam. A partir do dito (intradiscurso) somos levados ao não-dito (interdiscurso, memória discursiva), ou seja, apreendemos a instauração de um sentido outro que pode ser apreendido pelo gesto de interpretação.

A produção dos sentidos nas tiras, especificamente, está ligada a questão do movimento, como acontece com o cinema. Cada tira apresenta uma narrativa que necessita e pode ser remetida a outras. Essas tiras dizem sobre culturas muito diferentes e apesar da publicação em tiras de jornal, os quadrinhos são ‘pioneiros na globalização’. Cada uma das tiras de Mafalda, na obra completa, representa um conjunto e uma sequência indivisivelmente. Uma tira, portanto, é uma porção de linguagem e situação que produz efeitos de sentido nos leitores. Considera-se, então, que, no conjunto, cada tira é uma representação textual do discurso.

Os regimes militares tanto no Brasil quanto na Argentina são marcados por memórias históricas. As tiras de Mafalda foram produzidas e veiculadas em anos de ditadura e perpassaram esses anos cruéis marcados pela censura e segregação. Portanto, a conjuntura social da época é marcada por tensão política e econômica em que liberdades foram tolhidas e, por isso mesmo, época de resistências como marca da luta pela emancipação feminina. A Argentina de 1976 presenciou, em sete longos anos, acontecimentos dramáticos como milhares de mortos e desaparecidos sob a tutela do Estado, falência do modelo econômico, do

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

parque industrial e do modelo político, por fim, a derrota na Guerra das Malvinas que desencadeia a derrubada do regime. No Brasil, os golpes militares deixaram sequelas, mas os generais se foram e as tiras que contam essa história perduram até hoje.

Na obra analisada, Mafalda é caracterizada como uma menina petulante e uma fonte inesgotável de perguntas sem resposta. Essa menina gosta de ouvir rádio e assistir televisão, tem como brinquedo e companheiro o globo terrestre, gosta de brincar de governo, idolatra o dicionário, o que é bastante atípico para uma criança considerada em sua ingenuidade e inocência: “Mafalda é tudo o que na verdade as crianças não são” (CORSO e CORSO, 2006, p. 278). Daí advém sua relação com o pensamento filosófico e político de sua época que se marca por forte tensão – os golpes militares na América Latina. Estes autores colocam que nas histórias em quadrinhos os personagens com o perfil de Mafalda são crianças espertas que por sua conduta “refletem o melhor e o pior da condição adulta: a lealdade, a inteligência, a neurose e a mesquinhez”. Mafalda tem apenas 5 ou 6 anos e linguagem altamente desenvolvida. Preocupa-se, no geral, com os conflitos sociais, com o poder militar, com a ampliação dos horizontes femininos, com a política e, por isso, chamada de criança-adulta. Alguns aspectos, no entanto, remetem Mafalda ao mundo infantil. Quando ela toma sopa quase forçada, quando mostra seu ciúme na chegada de seu irmão menor, sua paixão pela televisão, sua curiosidade pelo que acontece a seu redor, mesmo que sua capacidade metafórica e comparativa dê-lhe imagem adulta.

Mafalda e seus amigos moram em um bairro de classe média portenha. Susanita, em oposição à Mafalda, é a menina que sonha em ascender socialmente, ter vida doméstica, marido e filhos; Manolito ou Manolo, o pequeno-burguês (palavrão na época para chamar de reacionário e limitado), em oposição política à Mafalda, é o que pensa somente em dinheiro, em negócios, em lucros; Felipe ou Felipito, o mais próximo a Mafalda, é o neurótico sonhador que representa a fragilidade e a dependência masculina; Miguelito, o travesso; Libertad ou Liberdade, pequena e com enorme capacidade de expressão, personagem politizada, cuja voz contrasta com os anos de ditadura que assolaram a América Latina e, por fim, Guille, o

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

irmãozinho de Mafalda, representante real da infância, que vive no mundo familiar entre os pais e os brinquedos.

A família de Mafalda pode ser caracterizada como tradicional: o pai que trabalha fora, a mãe dona de casa, ela, estudante, e o irmãozinho mais novo. Por eles a menina não esconde sua decepção, construindo duras críticas, principalmente contra a mediocridade da mãe, como veremos nas tiras. As análises deste estudo vão entrar nesse horizonte familiar para entender as relações sociais e históricas inter-relacionadas na produção dos sentidos.

Os “guardiões” da menininha contestadora, no geral, deveriam ser aqueles que detêm a sabedoria, mas ela é quem se apresenta assim, pois com suas perguntas revela a inutilidade dos dois que sempre causa constrangimento ou perplexidade. Esses pais são aqueles que, por ironia, proporcionam os momentos de reflexão e questionamento da garota através de alguns elementos como mostrar imagens, falar sobre normalidades o que, ao mesmo tempo, os expõe ao ridículo, como se eles subestimassem o poder de crítica da menina. Para Mafalda, a escola serve de ambiente de aprendizagem, pois proporciona espaço para liberdade de pensamento e, por isso desempenha papel social relevante e um ideal pedagógico.

Na idade de Mafalda, geralmente, as crianças são mais apegadas à família e aos acontecimentos que envolvem aqueles que lhe são mais próximos, pois a integração e a sociabilidade estão em construção. Mafalda prefere observar o seu exterior, da família ao universo, ficando bem distante do mundo infantil e desse lugar questiona fatos como um adulto. Mafalda parece sofrer com tantas indefinições, ela é uma inconformada com as agruras humanas. Pensando, observando, ouvindo ou fazendo perguntas a menininha faz com que o leitor espere e observe a contrapartida, as discrepâncias. Os personagens ao seu redor também são sujeitos complexos e que estão sempre possibilitando entrar nos assuntos relevantes que a obra abrange. Desse horizonte, são inúmeras as temáticas sociais que o discurso oferece a estudos futuros: ela possibilita a relação e a construção de sentidos para os sujeitos e os sentidos em sociedade.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

O discurso humorístico representado pelas tiras de Mafalda, então, como discurso atemporal, permite apreender diferentes leituras em processo de significação sobre o processo de emancipação feminina na contemporaneidade.

O modo de reflexão em Análise do Discurso francesa (adiante AD), então, não é espaço para amenizar ou controlar sentidos, mas se dá no espaço de tensões e de contradições em que se questiona a transparência, a univocidade e a regularidade dos sentidos. Dessa forma, o analista, de seu observatório, tenta compreender este espaço de resistências, equívocos e de produção de leituras:

A leitura em AD é um processo de desvelamento e de construção de sentidos por um sujeito determinado, circunscrito a determinadas condições sócio-históricas. Portanto, por sua própria natureza, e especificidade constitutiva, a leitura tende a ser múltipla, a ser plural, a ser ambígua. Mas nunca será nunca “qualquer uma”. (LEANDRO FERREIRA, 2003, p. 208).

Portanto, a construção do *corpus* em AD não é aleatória, pois o discurso é uma prática constituída de ideologia e não somente um apanhado de textos. Então, a seleção de temáticas e a seleção de textos seguem os pressupostos teóricos e os textos são tomados enquanto exemplares de discurso(s). Diante de seu objetivo de pesquisa o analista de discurso expõe gestos de interpretação, ou seja, a teoria e a metodologia em AD vai (re)construindo gestos de interpretação.

Portanto, a AD não renega a materialidade linguística, mas remete as marcas linguísticas às propriedades do discurso. Enfim, o que interessa é o como, no funcionamento da linguagem são produzidos os sentidos para os interlocutores, pois, em Pêcheux (1997a) o discurso é efeito de sentidos entre interlocutores. É o próprio discurso que nos fala em sua historicidade. O que se depreende é o processo em que ficam colocadas leituras marcadas ideologicamente no mundo em que se vive de forma nada linear ou homogênea, mas sempre aberta a novos gestos de interpretação.

Parece que o texto humorístico, na atualidade, carece de olhares mais apurados no tocante dos sentidos que ele pode produzir e que produz. Alguns estudiosos preferem



# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

trabalhar na perspectiva de textos que fazem uma ‘brincadeira’ que serve para causar o riso e para ilustrar determinados temas sociais. Diferentemente disso, uma das características dos textos humorísticos, como nas tiras de Mafalda, é a equivocidade (discursiva). Essa noção foi trabalhada em Leandro Ferreira (2003) ao deslocar a noção de ambiguidade para equivocidade, ou seja, as possíveis leituras e os possíveis sentidos no discurso, o deslizamento dos sentidos que ele produz. Essa noção se faz produtiva para entender que a linguagem falha e contrasta ideias e sentidos.

Não há somente riso no discurso humorístico. Em se tratando de tiras, pode-se dizer que há mais que a subversão dos sentidos, relacionando a questão do humor. Esse gênero discursivo apresenta o *jogo do equívoco* que explicita o caráter heterogêneo da língua, o real da língua, considerando a linguagem sempre aberta no discurso e que aceita apenas um fechamento necessário e provisório dos sentidos e que também põe em evidência a falha e as múltiplas interpretações que a linguagem permite. Nesse espaço de igualdades e diferenças, por exemplo, é que se instaura o gesto (que sempre pode ser outro) como prática significativa (PÊCHEUX, 1997a) “que traz em si tanto a corporalidade dos sentidos quanto a dos sujeitos, enquanto posições simbólicas historicamente constituídas, ou seja, posições discursivas (linguístico-históricas)” (ORLANDI, 2004, p. 27). Os sentidos deslizam para outros, sujeitos relacionam-se a outros simultaneamente. Nesta relação, também se considera a questão da leitura, da determinação do leitor imaginário, no caso o leitor de Mafalda (o público infantil ou adulto).

Em determinada conjuntura histórico-ideológica, há uma rede de sentidos a serem observados. Essa apreensão provisória do movimento dos sentidos pode ser compreendida através do funcionamento da noção de formação discursiva (adiante FD).

Foi em Michel Foucault que o termo *formação discursiva* foi significado. De posse dos pressupostos que o autor utilizou para teorizar o discurso, mesmo que situado em outro quadro epistemológico, Pêcheux (1997a) (re)significou essa noção. Nesse sentido, retomar a trajetória de categorização dessa noção é compreender como a formação discursiva envolve

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

regularidades e instabilidades dos sentidos de maneira dialética no discurso. Portanto, ao articular as diferentes perspectivas da noção estamos envolvendo um diálogo entre a interioridade e a exterioridade, inter e intradiscurso, entre a noção de formação discursiva, memória e história.

Na contrapartida de Foucault (2005), a formação discursiva serve para pensar o político, pois insere aí o ideológico (não-neutralidade). Uma formação discursiva é aquilo que numa formação ideológica dada (posição, conjuntura), determinada pela luta de classes, determina “o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX e FUCHS, 1997, p. 166) e “o que não pode e não deve ser dito” (COURTINE, 1981, p. 49). Portanto, a formação discursiva deriva de determinadas condições de produção e existe historicamente. Num segundo momento, decorrente de reflexão discursiva, a formação discursiva passa a comportar diferentes posições-sujeito que geram a contradição e a igualdade, caracterizando a sua heterogeneidade da posição-sujeito, em que há a presença da diferença e da divergência no interior da mesma formação caracteriza a fragmentação do sujeito:

uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo, sob a forma de ‘preconstruídos’ e de ‘discursos transversos’. (PÊCHEUX, 1997b, p. 314)

Pêcheux faz compreender que não há como separar o estudo da língua do de suas condições de produção, por dizerem respeito a uma relação histórica e ideológica. Nesse processo de tomada-de-posição do sujeito na formação discursiva há desdobramento do sujeito na relação entre pré-construído e articulação que constitui o sujeito em sua relação com o sentido, isto é, representa no interdiscurso aquilo que determina a dominação da formação ideológica.

Enfim, a formação social dá a reconhecer lugares sociais discursivizados e constituídos sob a dominância de diferentes formações ideológicas. Portanto, o interdiscurso articula e é articulado na formação discursiva, vale dizer, é relação entre dizeres diante de

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

outros dizeres em suas diversas relações de sentido. Na movimentação que vai da identificação à desidentificação (efeito de dissenso) com a forma-sujeito, a ideologia funciona às avessas, sobre e contra si mesma, sem, no entanto, implicar a morte/desaparecimento do sujeito, pois ele nunca será neutro ou indiferente ideologicamente. O que ocorre é um deslizamento para outra formação discursiva e nunca seu apagamento.

### **3 O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO NAS TIRAS DE MAFALDA**

Neste estudo propomos analisar como Mafalda constrói sentidos para a polêmica da emancipação feminina de acordo com as condições de produção em que foram produzidas as tiras (época dos regimes militares na Argentina e no Brasil). As tiras recortadas serão apresentadas na ordem em que se encontram na obra (QUINO, 1993) embora não haja referências de tempo, espaço ou lugar específicas de cada uma das tiras. Então, como em Mafalda se apresenta o funcionamento da polêmica sobre a emancipação feminina da modernidade? Essa questão inicial servirá de norte para observar o efeito humorístico no discurso representado pelo recorte das tiras de Mafalda.

Para tanto, observa-se no jogo de sentidos entre palavras e expressões diferentes leituras e a construção do efeito humorístico através da ironia, ou seja, no jogo do equívoco, a relação entre o mesmo e o diferente. No funcionamento da ironia (MAINGUENEAU, 1997) não há um marcador específico como no caso da negação. O autor acrescenta que o locutor “assume as palavras, mas não do ponto de vista que elas representam [...]”, ou seja, há uma fronteira instável entre o que se assume e o que se rejeita. Essa função de rejeição e de identificação a determinados dizeres pode ser observada através de marcadores linguísticos (aspas, reticências), gestuais (imagens) ou situacionais (contexto), que fogem às regras de coerência e, portanto, ligadas às questões da paráfrase e da polissemia e que permitem trabalhar no espaço do polêmico por excelência, como em nosso estudo.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

A paráfrase e a polissemia estão imbricadas nos funcionamentos de discurso. Ao analisar o *corpus* em questão, no que diz respeito à temática da emancipação feminina, observa-se a noção de paráfrase no processo em que diferentes vozes se complementam, refletem e refratam no discurso. Ao mesmo tempo, assiste-se a uma pretensa regularidade, homogeneidade e linearidade como uma forma de manter um idealismo como reflexo da opacidade da linguagem. Neste sentido, Mariani contribui para pensar a opacidade da língua, dizendo:

Para a AD, por outro lado, a opacidade no plano da linguagem mostra sua plasticidade, e no plano da produção de sentidos, seu caráter múltiplo. Discursivamente, não há estabilidade, unidade e linearidade sem dispersão, da mesma forma não há homogeneidade sem heterogeneidade. E, ampliando um pouco mais o leque, não há história sem as práticas discursivas cotidianas que fixam ou podem modificar sentidos em disputa. Cabe ao analista de discurso trabalhar no entremeio (MARIANI, 1998, p. 29).

Então, em AD, a linguagem possibilita pensar no jogo representado pelas relações de dominância na interlocução discursiva. Há relação ininterrupta entre dois processos articulados neste jogo: a paráfrase (repetição) e a polissemia (metáfora/deslize). A polissemia define-se como multiplicidade de sentidos. A paráfrase caracteriza-se por formulações diferentes para o mesmo sentido. E é através da remissão do discurso as suas condições de produção que se apreendem as relações de força que permitem trabalhar com o mesmo e o diferente no processo de significação dos sentidos. É a partir do funcionamento do discurso que se pode constatar a reversibilidade da interlocução.

A relação entre sujeitos inseridos em diferentes temporalidades (gerações de idade) revelam diferentes modos de pensar a emancipação da mulher nos tempos. O sujeito-criança-mulher-moderna (Mafalda) e o sujeito-mulher-moderna-tradicional (a mãe nas tiras) representam e produzem sentidos em contraste para a questão da luta por direitos às mulheres na formação social do ponto de vista do capital.

Analisa-se, então, a relação entre posições-sujeito no âmbito de determinada formação discursiva que se nomeia Formação Discursiva Feminista como parte de um complexo de

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

formações discursivas sempre em constante movimento na formação ideológica. Ao se buscar determinadas regularidades, portanto, depara-se com diferenças e divergências e essa é a característica do político constitutivo de nosso objeto de estudo: o discurso. É no movimento dos sentidos no discurso que se observam o atravessamento de discursos e sua não homogeneidade.

O verbal e o não-verbal são considerados como interdependentes na constituição dos sentidos no discurso. Não há, portanto, como interpretar a palavra sem a imagem e vice-versa na concepção de discurso representado pelas tiras de Quino.

Em cada uma das tiras, o funcionamento da ironia e o deslizamento dos sentidos no discurso humorístico relaciona diferentes posições de sujeito discursivas. Portanto, a partir do dito apanha-se o não-dito e, nesse trajeto, o que está para além das evidências. Inicia-se, então, com a descrição do texto para a apreensão de diferentes direções de sentido nos dizeres das posições de sujeito.

## TIRA 1



Fonte: QUINO. *Toda a Mafalda*: da primeira à última tira. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 46.

Na tira 1, o sujeito Mafalda apresenta uma oposição de sentidos entre um diploma e o formato de um diploma enrolando os cabelos de sua mãe, uma dona de casa. Ao trazer a relação contraditória entre o *diploma* e *rolo de cabelo*, na imagem, atenta-se para a diferença

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

entre a mulher diplomada (moderna) e a dona de casa sem diploma (tradicional), esta sendo refutada no discurso humorístico sobre a emancipação feminina.

Nesse sentido, percebe-se que há uma oposição entre donas de casa que se limitam ao trabalho doméstico e aos cuidados com a beleza (discurso dito machista) e aquelas que procuram fora de casa outros meios de aperfeiçoamento pessoal e profissional (discurso dito feminista). De um lado, a mulher limitada às situações cotidianas da casa e da família (“o lugar de mulher é em casa”) e de outro a mulher determinada a procurar outras formas de crescimento (“a mulher que não estuda é medíocre”).

Essa relação de sentidos entre o diploma e a beleza insere a polêmica da questão do determinismo e da liberdade através da emancipação feminina, ou seja, novas perspectivas de futuro para a vida das mulheres para não continuarem ‘medíocres’. Isso marca uma conjuntura de crescentes avanços para as mulheres não somente na Argentina, mas em todo mundo. Abrem-se, para as mulheres, então, a possibilidade de crescimento e a necessidade da passagem da mediocridade para a não mediocridade, questões que perpassavam e ainda perpassam o mundo dos adultos constantemente e de forma mais complexa na contemporaneidade. O efeito humorístico está em escutar no jogo do equívoco as leituras que envolvem mulheres em tempos modernos com princípios tradicionais e a abertura para os ideais da modernidade, neste caso, a busca pelo estudo, a chance de mulheres conquistarem lugares nas universidades no processo histórico e ideológico.

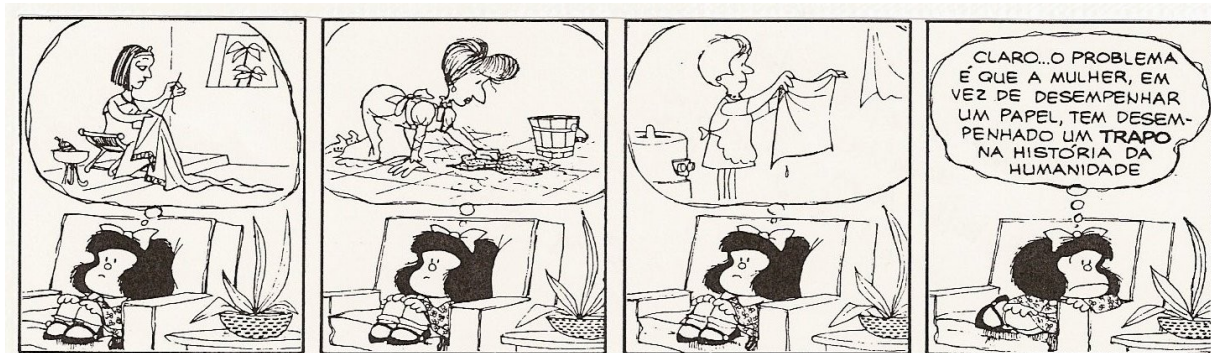
O efeito humorístico está em perceber o desapontamento no olhar de Mafalda para o papel da mãe. Contrasta, então, a tradição (pré-construído social) do trabalho doméstico e a expansão do trabalho para as mulheres. Mafalda defende a saída da mediocridade da mulher através da busca do aperfeiçoamento pessoal e profissional para além dos trabalhos domésticos como pensamento social. Contrastam-se ideais tradicionais e modernos: Mafalda pode ser dita como representante de um discurso feminista.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

## TIRA 2



Fonte: QUINO. *Toda a Mafalda*: da primeira à última tira. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 217.

Para refletir sobre o papel da mulher na história da humanidade o sujeito Mafalda vai retomar os feitos tradicionalmente referidos ao trabalho doméstico e por ela questionados: o costurar o pano, na antiguidade; o lavar o chão de joelhos em época mais adiante e o estender o pano na modernidade.

Ao confrontar o desempenho de um papel histórico com o desempenho de um TRAPO na história, por parte da mulher, ela apresenta diferenças para além da evolução tecnológica. O que se coloca é a questão do fazer da mulher, dos tipos de tarefas a que elas se submetem e que limitam suas capacidades e potencialidades: são os olhares da modernidade sobre os sentidos do fazer feminino e das contribuições sociais que podem ir além do trabalho doméstico.

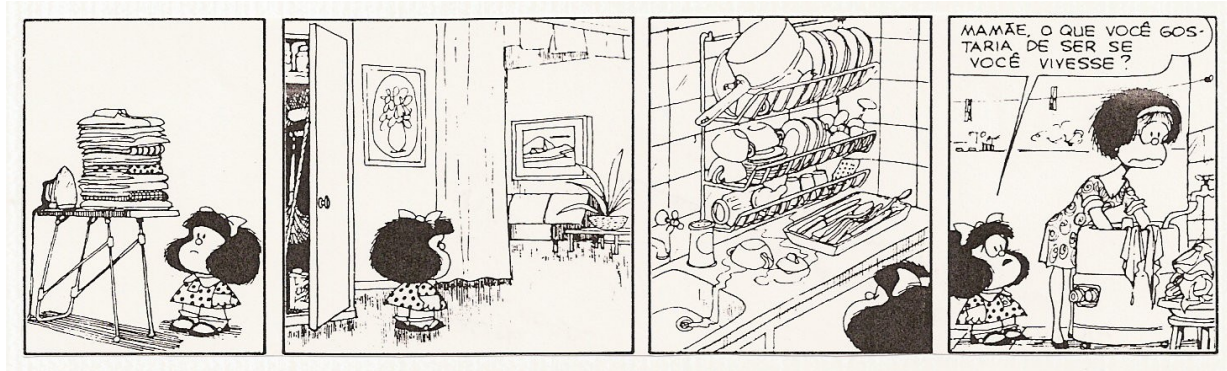
A ironia está na retrospectiva de Mafalda perceber igualdades, como quando relaciona mulheres de diferentes épocas pelo trabalho com o “trapo”, um tecido maltratado ou surrado, e somente se contrapor ao seu ideal e o ideal da modernidade no discurso feminista em relação a um papel social. Pela interdiscursividade relacionam-se dizeres da modernidade com os tradicionais em contraste, sendo que a crítica incide sobre os sentidos tradicionais para o papel da mulher na modernidade.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

## TIRA 3



Fonte: QUINO. *Toda a Mafalda*: da primeira à última tira. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 228.

Essa tira vai exatamente questionar o fazer, a contribuição feminina tradicional voltada aos trabalhos domésticos. O questionamento de Mafalda relaciona o trabalho doméstico ao *não viver*, pois, para a menina, o viver é mais amplo e abrange o aproveitamento da vida mais voltada ao exterior, inclusive de abertura de oportunidades de trabalho fora de casa para a mulher. Mafalda questiona os sonhos de sua mãe. Tenta fazê-la refletir sobre seu papel social não somente voltado ao afazeres do lar. O efeito humorístico está na ironia da interrogação dirigida à mãe e o desapontamento no olhar da menininha.

Há contraste entre o discurso feminista e o discurso machista, que considera o papel da mulher voltado aos afazeres domésticos. As condições de produção desses textos apontam para um processo de lutas pela emancipação feminina determinante para o futuro das mulheres.



# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

## TIRA 4



Fonte: QUINO. *Toda a Mafalda*: da primeira à última tira. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 259.

Nesta tira, a mãe de Mafalda utiliza alfinetes em sua tarefa doméstica. No último quadrinho, Mafalda expõe o que pensa sobre *alfinetes* e *agudezas* em sua boca, fazendo deslizar os sentidos. Essa falta de respostas parece incomodar a criança que, por seu olhar sempre franzino, faz a mãe aparentar certo desconforto.

O discurso mostra diferentes leituras para a questão da liberdade de expressão da mulher. Para a personagem criança a mulher deveria expressar-se mais, falar o que sente e até reclamar (feminismo). De outro lado, refuta-se o papel exclusivo de dona de casa para a mãe (discurso machista), em que o leitor é levado a identificar-se com a posição de sujeito-mulher moderna. Está sendo questionado pela criança o posicionamento da mulher que vive em tempos modernos e continua tradicional como a que aceita sua situação, colocando a necessidade de a mulher mostrar mais a sua voz.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

## TIRA 5



Fonte: QUINO. *Toda a Mafalda*: da primeira à última tira. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 286.

Esta tira vai relacionar “humhums” a vontades, deslizando sentidos para discursos diferentes. Através da atitude da mãe em não lhe dar atenção e responder com “humhum!”, Mafalda mostra seu descontentamento, contrastando com os ideais de época e comparando diferentes papéis sociais para a mulher.

O funcionamento do deslizamento está no contraste entre a força de vontade e o fazer “humhums” que constrói horizontes femininos distintos. Relaciona por contraste a posição de sujeito mulher moderna, determinada a buscar sua liberdade (feministas) com aquelas as acomodadas (tradicionais) por oposição, identificando-se com a posição de sujeito feminista no âmbito da Formação discursiva Feminista que questiona a posição sujeito mulher tradicional.

O trabalho doméstico é construído como limitador da liberdade da mulher tradicional, não parecendo ser este um papel social relevante, tendo em vista a tendência de construção das novas perspectivas para a vida das mulheres na época. Mulheres modernas que ainda são tradicionais *versus* futuras mulheres modernas. Mafalda não concorda com o papel da mãe e contesta.

Enfim, as tiras analisadas acima trazem leituras para o processo de emancipação feminina na modernidade através do funcionamento da ironia no deslizamento dos sentidos.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

Esse modo de funcionamento da linguagem permite adentrar o espaço discursivo através de contrastes e oposições, entre o mesmo e o diferente nos sentidos.

As tiras trabalham com a relação entre o sujeito mulher moderno e a mulher moderna-tradicional, na busca pelas oportunidades de estudo para além do trabalho doméstico, e retomam, historicamente, a relação da mulher e o mercado de trabalho. O discurso humorístico, então, adere à posição a favor da liberdade das mulheres na Formação Discursiva Feminista e em sua relação de oposição com uma Formação Discursiva Machista. Essas duas posições de sujeito não se excluem, mas contrastam no processo histórico. O posicionamento a favor do feminismo do discurso humorístico, portanto, aponta para um processo histórico determinante dos sentidos.

## **4 Considerações finais**

A AD, possibilita outros olhares sobre a linguagem e exige um modo de escuta do analista que vai para além da busca por regularidades dos sentidos. Os textos, para o analista, nunca se fecham e permitem outros olhares sobre os sentidos em consonância com o objetivo a ser proposto. Neste estudo, propomos analisar, no funcionamento discursivo das tiras de Mafalda, a temática da emancipação feminina. Então, procuramos, no funcionamento da ironia, que permitiu a relação entre diferentes leituras, observar a relação de contraste entre determinados dizeres que mobilizaram diferentes posições-sujeito na formação discursiva que, da mesma forma, se relaciona com outras formações discursivas.

Na relação de Mafalda e sua mãe, temos a representação de papéis sociais contrastantes que permitiram apreender o funcionamento das posições-sujeito na formação discursiva. No âmbito dessa formação discursiva analisam-se relações de igualdade e de diferença entre uma posição-sujeito de tendência tradicional, que determina a relevância do papel social da mulher, se voltada ao trabalho doméstico, e outra, de tendência mais atual, que

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

convoca a anterior para ampliar esses horizontes através do aperfeiçoamento intelectual e da busca por seus direitos na sociedade moderna. As posições-sujeito convivem em tensão nas determinadas condições de produção, e isso revela que não há exclusão de uma em detrimento de outra dentro desse espaço polêmico, pois tratamos do processo de emancipação feminina na sociedade moderna e que continua construindo sentidos na contemporaneidade.

Nesse contexto, apreendem-se determinados sentidos que funcionam como construções histórico-ideológicas que fazem parte de uma memória discursiva e são representados pelos pré-construídos nos textos. A consideração da relevância social do papel da mulher aponta para determinados modos de ser e de fazer que (não) podem ou (não) devem ser seguidos socialmente, mas que nem sempre funcionam conscientemente. De acordo com as análises, na relação entre os dizeres, ressoa o já-dito, que consagra um lugar para mulher – “o lugar de mulher é em casa” –, de uma concepção machista e que limita o ser e o fazer da mulher ao lar. Em discrepância, observamos que a modernidade vai construindo sentidos que ampliam esse horizonte – “mulher que não estuda é medíocre”; “mulher que trabalha em casa não vive” –, colocando a necessidade de a mulher estudar e conquistar sua independência profissional e pessoal.

Portanto, através do funcionamento da ironia presente no discurso humorístico, temos a possibilidade de entender os diferentes sentidos e as relações entre a história o sujeito e a ideologia. Se antes a mulher se limitava aos afazeres domésticos, na modernidade são abertas outras portas para que possa buscar sua identidade e emancipação, e isso se mostra na relação entre sujeitos e sentidos nas relações de trabalho.

Nas décadas de sessenta e setenta, marcadas pelos golpes de Estado e pelos gritos de liberdade na sociedade, ressoa o grito das mulheres por mais espaço. O processo de emancipação feminina quer desacomodar a sociedade na construção de um futuro mais digno para as mulheres no mundo do trabalho. Na modernidade, a abertura do campo de trabalho das mulheres, as oportunidades de aperfeiçoamento pessoal e profissional e as chances de expor suas necessidades são marcas do determinismo e da liberdade para as mulheres.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

Determinação é o que faltava à mãe de Mafalda, no discurso humorístico sobre a emancipação feminina, pois se trata de, no jogo de palavras, contrastar diferentes ideias para a função da mulher.

Mafalda tornou-se um símbolo de representação de liberdade de expressão, de escolhas sociais e culturais e de luta pela emancipação feminina. Na época, a cultura latino-americana mantinha alguns padrões determinados para as mulheres, que deveriam ser exemplo de perfeição em relação à beleza, ao zelo com a família e aos cuidados com lar. O papel social da mulher era o de dona de casa, mãe e esposa. Mafalda questiona esses padrões sem os desprezar, mas propondo outros comportamentos e novos caminhos. Isso ela faz sem abandonar esse “modelo” determinado, mas tenta mostrar outras possibilidades de crescimento intelectual e cultural, bem como de encontro da mulher com a sua própria identidade. Mesmo sendo criada para o público infantil, por essas características, Mafalda pode ser considerada leitura para adultos. No seu universo em um subúrbio da classe média argentina, através da ironia, manifesta (in)certezas e (im)possibilidades do mundo moderno. Nessas condições ela é um personagem ao mesmo tempo alegre e triste, forte e sensível, que idealiza, sonha e se desilude, como qualquer ser humano, reflexo de um mundo constituído de contradições.

O efeito humorístico das tiras, produzidos pelos deslizamentos dos sentidos, fazem antever o equívoco da língua como constitutivo de seu funcionamento, pois ela falha aproximando ou contrastando discursos como no caso do feminista e do machista na contemporaneidade.

Por fim, a década de oitenta marca-se pelo retorno da democracia, em que a liberdade ganha espaço entre os regimes militares. Tem-se em Mafalda, uma criança com erudição adulta e alta criticidade, a representação do grito por liberdade das mulheres, que não cessa de fazer sentido(s) na contemporaneidade, interpretado do ponto de vista do deslizamento dos sentidos no discurso humorístico.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

## 5 REFERÊNCIAS

CORSO, Diana Lichteinstein e CORSO, Mário. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COURTINE, Jean-Jacques. *Analyse du discours politique*. Langages n° 62, Larousse: Paris, juin 1981.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. *Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3. ed. São Paulo, Pontes, 1997.

MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; São Paulo; UNICAMP, 1998.

ORLANDI, Eni P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4.ed. São Paulo: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 3.ed. São Paulo: Pontes, 2001.

PECHÊUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 1997a.

\_\_\_\_\_. A Análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET; Françoise; HAK, Tony. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. São Paulo: UNICAMP, 1997b.

PÊCHEUX, Michel e FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET; Françoise; HAK, Tony. Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. São Paulo: UNICAMP, 1997.

QUINO. *Toda a Mafalda: da primeira à última tira*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.